



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ANGELA DA SILVA MELO
IRIDIANA MARTINS SOUZA DA CRUZ

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS DISCENTES E DOCENTES ACERCA DO
ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS 5ª SÉRIES DO
ENSINO FUNDAMENTAL.

Jacobina
2008

ANGELA DA SILVA MELO
IRIDIANA MARTINS SOUZA DA CRUZ

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS DISCENTES E DOCENTES ACERCA DO
ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS 5ª SÉRIES DO
ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requerimento final para
obtenção do título de licenciatura plena em
geografia pela Universidade Estadual da
Bahia – UNEB, Departamento de ciências
humanas Campus IV.

Orientadora: Profª Jacy Bandeira

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

ANGELA DA SILVA MELO
IRIDIANA MARTINS SOUZA DA CRUZ

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS DISCENTES E DOCENTES ACERCA DO
ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS 5ª SÉRIES DO
ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Licenciatura
plena em Geografia.

Banca Examinadora:

Professor (a) Orientador (a) Esp. Jacy Bandeira Almeida Nunes

Professor (a) Msc. Eliã Siméia M. dos S. Amorim

Professor (a) Esp. Marcone Dennys dos Reis Nunes

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes.

Em especial a minha mãe Maria Aparecida; pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

E a todos aqueles que de certa forma me ajudaram durante esta caminhada.

Angela da Silva Melo

A minha formação como profissional não poderia ter sido concretizada sem a ajuda de meus amáveis e eternos pais, Orestes (sempre presente) e Iracema, que, no decorrer da minha vida, proporcionaram-me, além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança e de procurar sempre em Deus à força maior para o meu desenvolvimento como ser humano. Por essa razão, gostaria de dedicar e reconhecer a vocês, minha imensa gratidão e eterno amor.

A Deus, dedico o meu agradecimento maior, porque tem sido tudo em minha vida.

Um agradecimento especial ao meu querido amor José Pereira da Silva Cruz, que além de me fazer feliz, ajudou-me, durante todo o percurso de minha vida acadêmica, compreendendo-me e ensinado-me com todo carinho e atenção para que eu conquistasse um lugar ao sol. A minha maravilhosa irmã Iriane Martins Souza da Cruz, que sempre me ajudou nessa caminhada e a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para esta imensa felicidade que estou sentindo nesse momento.

À todos vocês, meu muito obrigada.

Iridiana Martins Souza da Cruz Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela presença em todos os momentos de minha vida e em especial na realização deste sonho, a faculdade.

São inúmeras as pessoas que desejaria mencionar neste momento. Inicialmente agradeço a minha família pelo apoio e colaboração em especial a minha mãe Maria Aparecida e meu irmão Décio, meus verdadeiros fãs, amigos e companheiros que me deram muito apoio emocional para enfrentar os desafios que surgiram ao longo da minha vida acadêmica, pessoal e profissional, mas também como cidadã. A minha avó Maria dos Santos Melo (em memória) que continua presente em minha vida me dando forças para enfrentar todos os obstáculos.

As minhas amigas Leci Meire Santana e Adlene Souza que de inúmeras maneiras sempre estiveram em minha vida apoiando-me e incentivando-me para que não desistisse, diante das barreiras que se apresentaram ao longo da minha jornada.

Não poderia deixar de mencionar o espírito colaborativo de muitos colegas, com quem tive todo o prazer em trocar experiências e saberes; expressar opiniões sobre os mais diversos assuntos, em estudo e atualizar conhecimentos no campo da educação, em especial a Iridiana que foi minha companheira na elaboração deste trabalho, a Cássia Miranda e Isis Cássia minhas verdadeiras amigas, assim como Sidvan dos Reis, Adriano Fraga, Arthur Fraga, Célio José e Rodrigo Alves. .

A todos os professores que contribuíram decisivamente para o engrandecimento e enriquecimento em todos os segmentos da minha vida. Agradeço de maneira especial a professora Orientadora Jacy Bandeira por todo apoio, estímulo e colaboração constante que me possibilitaram a realização deste trabalho.

Finalmente, e não menos importante, um agradecimento à Direção da Universidade do Estado da Bahia UNEB Campus IV, pelo fato de nos ter proporcionado uma formação útil às nossas vidas.

Angela da Silva Melo

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada que não começou na UNEB, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

A minha família em especial aos meus pais Orestes (sempre presente) e Iracema. A minha irmã Iriane e a José meu esposo, que sempre torceram e torcem pelo meu desempenho, vibrando junto comigo a cada vitória conquistada.

Aos professores de maneira geral que contribuíram para a minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Não poderia deixar de destacar a nossa orientadora Jacy Bandeira por ser a grande responsável na execução desse trabalho, pela paciência, pela dedicação e comprometimento.

A todos os amigos e colegas de classe que dedicaram atenção e carinho a mim, tanto nas horas de tristezas e de tensão quanto nas horas de alegrias. E em especial a minha grande companheira nessa jornada Angela Melo, pela paciência, compreensão e amizade. Aos colegas que sempre estiveram presentes em minha vida: Angela Melo, Cássia Miranda, Iolanda Ana, Ísis Cássia e Ronaldo Nascimento.

A essa UNEB Campus IV, a Direção e a todos que contribuíram de alguma forma para a execução desse trabalho.

Finalmente, e sendo o mais importante, um agradecimento a Deus por ser responsável pela concretização desse sonho e por tantos outros.

Iridiana Martins Souza da Cruz Silva

RESUMO

Articulando a categoria de análise da geografia - espaço com as práticas educativas, este trabalho teve como objetivo identificar e refletir acerca das representações sociais de espaço geográfico de professores e alunos da 5ª série do ensino fundamental da rede público nos colégios municipal e estadual: Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda e Escola Estadual Edvaldo Valois Coutinho da cidade de Jacobina – BA. Pesquisa explicativa, utilizando os procedimentos de investigação no campo e levantamento bibliográfico, pautado na Teoria das Representações Sociais, na abordagem processual de Moscovici. Dela participaram alunos e professores das instituições escolares supracitadas. Os dados obtidos possibilitaram identificar como está sendo trabalhado o conceito de espaço. Os resultados demonstraram a necessidade de (re)significar as estratégias adotadas no ensino da categoria espaço geográfico; e, a demanda por formações continuadas que forneçam subsídios à formação de professores de geografia, destaque especial na área de prática educativa, que traga diferentes formas de trabalhar os conteúdos geográficos, valorizando o conhecimento prévio do aluno e fazendo com que o mesmo seja reflexivo e participativo no espaço que os cercam.

Palavras – chave: Representação Social, espaço, Prática educativa, alunos, professores.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº01 – Representação Social do Espaço Geográfico dos alunos da 5ª série	31
Gráfico nº02 – A Representação do Espaço através de imagens dos alunos da 5ª série	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
O ESPAÇO GEOGRÁFICO: CARACTERÍSTICAS E REFLEXÕES.....	13
CAPÍTULO II	
REPRESENTAÇÃO SOCIAL : CONCEITO E DIMENSÕES.....	20
2.1 CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	20
2.2 AS DIMENSÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	22
CAPÍTULO III	
PRÁTICAS EDUCATIVAS: CONCEPÇÕES DE ZABALA E FREIRE.....	25
3.1 PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO ZABALA.....	25
3.2 PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PAULO FREIRE.....	27
CAPÍTULO IV	
A PESQUISA DE CAMPO. RESULTADOS E DISCURSÕES.....	30
4.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	30
4.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41

INTRODUÇÃO

É notória a importância de se trabalhar o espaço geográfico em sala de aula, uma vez que, este é a principal evidência das relações concretas que o homem cria na sociedade, proporcionando aos educandos uma visão ampla dos diversos significados das interações humanas, com os elementos naturais, culturais, econômicos e históricos, assim como, a forma que o homem interfere nas inúmeras modificações que ocorrem no espaço.

Partindo do pressuposto de que a escola tem o papel fundamental em geografia de situar o aluno no espaço, a partir das diferentes escalas geográficas, orientando-os para a observar a diversidade de paisagens e lugares do nosso planeta; procurando mostrar como os elementos naturais lhe deram uma feição própria e como o homem vem intervindo ao longo do tempo, modificando e alterando esses espaços na medida de suas necessidades e seus interesses, assim como as conseqüências da ação antrópica no espaço.

Percebemos nas discussões pedagógicas durante nossa “caminhada acadêmica”, assim como nas observações das aulas da disciplina de geografia no ensino público de nossa cidade, e em nossas vivências que a maneira como discentes e docentes percebem o espaço a sua volta tende a interferir no ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, uma vez que, a representação Social é o conhecimento derivado do produto e, simultaneamente o processo de construção do homem se transforma através do tempo.

Entendemos que nem tudo obedece a uma relação de causa e efeito, mas, conscientes de que no esquema causal um fenômeno é concebido à luz de outro que o antecede, levantamos como hipótese que uma das causas das dificuldades relacionadas ao ensino-aprendizagem nas classes de 5ª série, na disciplina de Geografia pode ser o confronto entre representações sociais trabalhadas em sala de aula e os conceitos que professores e alunos já detêm, com ênfase especial para a categoria espaço. Deste modo, o fenômeno estudado (as representações sociais do espaço geográfico), dependerão de como os sujeitos (professores e alunos) se comportarão; tendo a prática educativa tem que ser revista pelos docentes, uma vez, que os alunos têm dificuldade em fazer interpretação do espaço em que vivem.

O propósito desta pesquisa é estudar as diversas concepções e formas, isto é, as representações sociais que educadores e educandos têm do espaço geográfico. Nessa perspectiva, o fenômeno será tratado a partir dos ângulos geográfico, pedagógico e o psicossocial. Focalizando nossos estudos na 5^o série do Ensino Fundamental da rede pública na cidade de Jacobina - BA, com o intuito de diagnosticar como a Representação Social de discentes e docentes acerca do espaço interferem na prática educativa e no ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, nos permitindo ampliar nossos conhecimentos e alternativas para melhorar a qualidade do ensino desta disciplina.

Dessa maneira procuramos os 03 professores e 50 alunos da 5^o série do ensino público de nossa cidade de duas unidades escolares da rede pública municipal e estadual, para verificar como estes representam o espaço geográfico. Utilizamos a Teoria das Representações sociais, conscientes de sua relevância para a elucidação do fenômeno, dada sua fundamental estrutura para diagnóstico das concepções dos sujeitos das pesquisas, assim como a sua interferência no ensino-aprendizagem. Já que é notório, a dificuldade em que os alunos enfrentam ao analisar o espaço. Através de tal inquietação buscamos respostas para as seguintes questões:

- Qual é a representação social acerca do espaço para alunos e professores da 5^o série da rede pública?
- Quais as práticas educativas utilizadas nestas séries que trabalham a concepção de espaço geográfico?
- Como a representação social dos educandos e educadores vem a interferir no processo ensino-aprendizagem?

Nessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho consiste na compreensão de como a representação social acerca do espaço geográfico dos discentes e docentes da 5^a série interfere no processo de ensino-aprendizagem da disciplina geografia. Os objetivos específicos:

- Fazer um levantamento da representação social do espaço geográfico de discentes e docentes da 5^o série;

- Identificar as práticas educativas que trabalham com espaço geográfico desenvolvidas nas unidades escolares.
- Identificar a influência que a representação social do espaço geográfico exerce no ensino e aprendizagem de discentes e docentes.

Como método de pesquisa optou-se por uma abordagem descritiva e explicativa, com sustentação no estruturalismo. Tendo como enfoque epistemológico à fenomenologia.

A amostragem do tipo não-probabilística, intencional foi construída no universo de discentes e docentes da 5ª série dos colégios públicos da cidade de Jacobina – Ba: Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda e Escola Estadual Edvaldo Valois Coutinho, por meio de entrevistas e questionamentos aos professores e alunos. Além, destes instrumentos aplicamos para coletas de dados: testes onde os alunos, a partir de uma palavra indutora “espaço geográfico” fizeram um desenho representativo e para o docente utilizamos a ALP¹

Baseado nas discussões de Salomon (2004) concluímos que esta pesquisa tem como princípio lógico o trânsito dialético por ser uma investigação dos conhecimentos pré-existentes e como estes influem o ensino-aprendizagem da classe.

De acordo com Castro (1977), e tendo por fundamento a aplicabilidade, podemos inferir que este trabalho se classifica numa pesquisa aplicada por contemplar um tema que possibilita uma menor distância entre as inferências construídas e as possibilidades de implementação.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos abordando as seguintes questões:

No Capítulo I retrata o conceito de espaço baseado nas idéias de Milton Santos, Corrêa e Dollfus. Abordando as transformações causadas na natureza pela ação antrópica, para satisfazer as suas necessidades, já que o conceito de espaço

¹ ALP - Técnica de Associação Livre de Palavra tem sido utilizada nas pesquisas sobre representações sociais desde a sua adaptação para o campo da Psicologia Social realizada por Di Giacomo, passando a ser utilizada como técnica de coleta de dados em pesquisas científicas por se tratar de um método de investigação aberta que permite evidenciar universos semânticos de forma rápida e objetiva.

alia-se aos determinantes naturais e sociais sendo uma funcionalização da globalização, que é produzido por meio das demandas de quem o idealiza.

No Capítulo seguinte serão abordados os conceitos e as dimensões de Representação social de acordo com as idéias de Moscovici e Spink. É uma forma de reconhecimento que parte da relação que o sujeito faz do objeto com os saberes. As representações sociais geral são as representações dos comportamentos, instituindo uma maneira de pensamento social onde o conhecimento deriva da observação.

O Capítulo III, a partir das idéias de Zabala e Paulo Freire, aborda o conceito de prática educativa. Esta tem a função de estruturar o ensino. Os autores recomendam que seja necessária uma constante avaliação do trabalho por parte do profissional, adotando uma perspectiva processual, onde as fases do planejamento, aplicação e avaliação asseguram um sentido integral às inúmeras variáveis metodológicas que caracterizam as unidades de intervenção pedagógica.

No IV e último capítulo são abordados os resultados da pesquisa de campo, sendo relatada a caracterização de alunos e professores, sujeitos deste trabalho, assim como as suas respostas ao questionário e entrevistas, e, nossas inferências.

CAPÍTULO I

O ESPAÇO GEOGRÁFICO: CARACTERÍSTICAS E REFLEXÕES

O espaço como categoria encontra-se na reflexão de inúmeras áreas do saber, sobretudo, da Geografia. Sendo objeto de estudo desta área torna-se essencial para muitos conhecimentos sistematizados e para seus representantes. Este capítulo relata sobre o conceito do espaço nas diferentes concepções em que é abordado por alguns autores que se dedicaram ao estudo do espaço geográfico.

Atualmente, muito utilizada no cotidiano assim como no meio científico, a palavra “espaço” leva a inúmeros conceitos vinculados a diferentes correntes do pensamento geográfico.

Santos (1999), afirma que o espaço é formado de objetos; mas não são estes que o determinam e sim o espaço, que visto como um conjunto de objetos, está organizado e são utilizados segundo uma lógica. Essa lógica da instalação e realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade, no qual hoje estamos vivendo em um meio técnico-científico-informacional.

O espaço é considerado como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos - estão fixos em um lugar no qual permitem ações que modificam o próprio lugar, já os fluxos novos ou renovados recriam as condições ambientais e as ações sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são resultados direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, dessa forma modificam a sua significação e alteram o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam. Estes (os fixos e fluxos) interagem e expressam a realidade geográfica, dessa maneira, aparecem conjuntamente como um objeto possível para a geografia. Atualmente os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais numerosos, mais rápidos. Pode-se observar a ocorrência de fixo e fluxo ao analisarmos as modificações que as ações antrópicas causam à natureza, já que a natureza como fixo vem sofrer as transformações e se adequar as intervenções humanas sobre elas.

Santos (1999), relata a configuração territorial que é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país, em uma dada cidade ou em uma dada área em que a sociedade super impôs a esses sistemas naturais. Observa-se que a configuração territorial é a natureza de um determinado local sem as relações sociais existentes neste, assim como, adaptação da natureza devido às transformações causadas pela interferência humana.

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, em quanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem pois uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. Esta é uma outra forma de apreender o objeto da geografia. (SANTOS, 1999. p. 51)

O espaço é um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a finalidades estranhas ao lugar e a seus habitantes. No começo era a natureza selvagem, onde eram formados por objetos naturais. Ao longo do tempo esses objetos foram substituídos por objetos artificiais, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos, fazendo com que a natureza funcione artificialmente como uma máquina. Ele também ressalta que os sistemas de ações estão interligados com os sistemas de objetos onde um funciona com a presença do outro. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Segundo Santos (1999), os objetos que interessam a Geografia, que não são apenas objetos móveis, mas também os imóveis como é o caso das cidades, barragens, estradas, porto, florestas, etc, por todos estes isso serem objetos geográficos. E o espaço dos geógrafos leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua, todos sem exceção; por o enfoque geográfico supor a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleção. Sua utilidade atual, passada, ou futura vem, exatamente, do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criam ou os que herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser só simbólico, mas, geralmente, é também funcional.

O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais. Mas a contradição principal é entre sociedade e espaço, entre um presente invasor e ubíquo que nunca se realiza completamente, e um presente localizado, que também é passado objetivado nas formas sociais e nas formas geográficas encontradas. (SANTOS, 1999. p. 88)

Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como a realidade física, mas como a realidade social, formas-conteúdos, isto é, objetos sociais já valorizados aos quais a sociedade busca oferecer ou impor um novo valor. Como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não é a mesma em toda parte. As transformações físicas ocorridas em diferentes locais, por mais que sejam idênticas, são agregados valores diferentes a depender do ponto em que está localizado por o espaço não ser homogêneo e evoluir de maneira irregular.

O autor Corrêa (1995) trata a geografia como uma ciência social, que tem como objetivo estudar a sociedade, e para tal via aborda cinco conceitos chaves que interagem entre si, já que se referem à ação antrópica sobre a superfície da Terra sendo eles: paisagem, região, espaço, lugar e território.

O espaço foi concebido nas diferentes correntes do pensamento geográfico que são: a geografia tradicional, a geografia teórico-quantitativa, a geografia crítica e a geografia humanista e cultural.

Na geografia tradicional, o espaço não era caracterizado como conceito-chave, mesmo estando presente em obras de autores desta época como Ratzel e Hartshorne, estes afirmavam que o espaço transformava-se através da política em território, sendo seus conceitos essenciais a geografia. A concepção do espaço ainda não tinha grande destaque, prevaleceram temas como região e paisagem. Ratzel avalia o espaço como indispensável à vida humana, e o seu domínio sendo elemento crucial na história do homem; já para Hartshorne o espaço é absoluto, ou seja, um conjunto de pontos que tem existência em si, independente de qualquer coisa. É notório a divergência entre os autores desta corrente, uma vez que, para Ratzel a sociedade modifica o espaço e Hartshorne defende o espaço como algo único, deste modo, percebe-se que o conceito de espaço se estabelece a partir de concepções e circunstâncias empregadas por cada um.

Baseado no positivismo lógico, a revolução teórico-quantitativa trouxe inúmeras transformações à geografia, que passou a adotar "... a visão da unidade epistemológica da ciência, unidade calçada nas ciências da natureza, mormente a física" (CORRÊA, 1995. p. 20) é quando a geografia passa a ser considerada como ciência social e o espaço surge como conceito-chave do pensamento geográfico, sendo analisado sob duas perspectivas: através da noção de planície isotrópica e

pela sua representação matricial. Essa corrente trouxe consigo novas concepções, baseada em modelos matemáticos e calcada nas ciências da natureza, dirigia suas idéias para a quantificação, deixando de estudar a questão da paisagem, passando a região a ser um mero processo de classificação do espaço. Por meio dessa linha reflexiva, o espaço surgiu pela primeira vez como conceito chave; alguns de seus principais representantes foram: Bunge, Ullman, Watsom entre outros autores.

A partir da década de 70, com o surgimento da geografia crítica, esta passa a ser baseada no materialismo histórico, dialética e no marxismo, sendo o espaço entendido como um todo, absoluto “o *locus* da reprodução das relações sociais de produção”.(CORRÊA, 1995. p. 25), o significado do espaço nesta corrente também é defendido por Santos Apud Corrêa (1995) que trata o espaço como fator social e não o seu reflexo, já que este é organizado a partir de um empenho da sociedade:

“o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia...” (SANTOS Apud CORRÊA, 1995. p. 27)

A mesma década de 70 viu o início de outra corrente, a geografia humanista que defendia o espaço como vivido este existe fundamentado no conceito de um povo ou determinado grupo sobre o espaço, a partir de suas experiências. Esta concepção ressalta que todas as modificações que acontecem devido às transformações capitalistas diminuem as distinções a partir das novas práticas sociais surgidas nos espaços vividos.

O espaço geográfico é todo o espaço que está acessível, exposto ao homem, onde este utiliza para sua vivência. À análise do espaço geográfico abrange diversas áreas. Na geografia temos diversos autores que abordam este tema de maneiras “diferentes”, porém com o mesmo significado. Segundo Dollfus (1982) o espaço geográfico é:

Um espaço mutável e diferenciado cuja aparência visível é a paisagem. É um espaço recortado, subdividido, mas sempre em função do ponto de vista segundo o qual o consideramos. Espaço fracionado, cujos elementos se apresentam desigualmente solidários uns aos outros ... Por conseguinte, surge o espaço geográfico como o esteio de um sistema de relações, algumas determinadas a partir do meio físico (arquitetura dos volumes rochosos, clima, vegetação), outras provenientes das sociedades humanas responsáveis pela organização do espaço em função da densidade demográfica, da organização social e econômica, do nível das técnicas;

numa palavra: de toda essa tessitura pejada de densidade histórica a que damos o nome de civilização. (DOLFFUS, 1982, p. 8)

Para o autor, o espaço é algo único, onde cada local tem suas próprias características, uma vila, uma metrópole, o mar, todos têm identidade própria e se modificam ou são transformadas a partir das diversas interferências do homem, ou seja, é o espaço ocupado e organizado pelas sociedades humanas.

Mesmo com todas as diferenças e peculiaridades, o espaço tem homogeneidade que é resultado da propagação das inúmeras formas e combinações que se reproduzem de maneira similar, mas não idêntica.

Este espaço homogêneo é contínuo, onde suas partes apresentam características similares vindo a formar um conjunto, podendo ser: homogeneidade externa que se refere à extensão da paisagem considerando a topografia, a formação vegetal, a ocupação do espaço por grupos étnicos, etc. Ou interna esta baseada nas relações e sistemas existentes num determinado espaço, que organiza e esquematiza este.

Este espaço é também um espaço diferenciado. Por sua localização e pelo jogo de combinações que preside a evolução, todo elemento do espaço e toda forma de paisagem constituem fenômenos únicos que jamais podem ser encontrados exatamente iguais em outros locais ou em outros momentos. (DOLFFUS, 1982. p. 9)

Segundo o autor a análise do espaço só é possível quando realizada no interior de um sistema de escalas de grandeza, já que não é possível estabelecer paralelos entre diferentes locais, pela peculiaridade de cada um, haja visto que a alteração da escala implica diretamente as modificações dos fenômenos na sua proporção e natureza. Sendo, portanto objeto da geografia determinar as semelhanças das formas e sistemas das interações dos dados idênticos.

Dolffus (1982) defende que as paisagens são o reflexo do espaço, sendo assim pode se determinar três tipos que são: - A paisagem natural: aquela “virgem” que não foi submetida às alterações humanas. – Paisagem modificada: locais onde existe um enorme deslocamento de seres humanos (caçadores, lenhadores, etc.), assim como as paisagens que já sofreram alterações devido a queimadas e

enchentes. E a paisagem organizada através da união das ações meditadas, combinadas e contínuas sobre o meio.

O autor trabalha com as idéias de George que trata a ação humana como transformadora do espaço natural em geográfica enfatizando a organização do espaço como fruto do tipo de sociedade, seus costumes e sua evolução histórica.

Todo espaço geográfico é organizado. Esta organização depende de múltiplos fatores, alguns dos quais ligados ao meio natural e outros às necessidades e aspirações das coletividades humanas. Este espaço diferenciado e localizável reflete-se na paisagem. (DOLLFUS, 1982. p. 119)

O contexto histórico e as relações sociais do presente e do passado, segundo Santos, definem as formas representativas do espaço. Hoje em dia o Marxismo exerce certa influência no meio acadêmico geográfico. Já que as discussões ideológicas sobre os caminhos a serem desenvolvidos pela geografia, assim como os diversos conceitos sobre o espaço, ainda não apontam a onde irá chegar está ciência. A geografia tem servido de apoio para inúmeros profissionais, geógrafos ou não, uma vez que, surgem pesquisas sobre um variado leque de temas, alguns dos quais, muitas vezes, não se encontram relacionados aos princípios da geografia.

Cabe aos estudiosos da área de geografia encarar a ciência geográfica como um corpo único, capaz de fornecer subsídios para a compreensão dos problemas sociais e físicos do mundo. Caso contrário, podemos continuar discutindo qual o caminho a seguir, e cada vez mais ter uma geografia fragilizada. Conforme Santos (2004, p.153):

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 1999. p. 153)

Para o autor o espaço é a representação das manifestações sociohistóricas, perceptíveis e oriundas dos processos e funções que se entrelaçam a partir das

interações desiguais. Ou seja, são as representações sociais que cada indivíduo possui que vem a interferir nas suas relações sociais e nas modificações que ocorrem no espaço. Isto nos remete a questões referentes a Representações Sociais, assunto este que será analisado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II

REPRESENTAÇÃO SOCIAL: CONCEITOS E DIMENSÕES

A Teoria das Representações Sociais explica através de estudos o que há muito tempo à filosofia queria explicar sobre como formamos conceitos e idéias em nossa mente, mas foi através do conceito supracitado, muitos pontos antes não esclarecidos passam a ter explicação, permitindo assim verificar como se formam os conhecimentos e, como os indivíduos dentro do próprio grupo chegam ao conhecimento. Nesse Capítulo iremos abordar o conceito e as dimensões da Representação Social através da interlocução com vários autores que se dedicaram ao estudo do tema.

2.1 Conceito de Representação Social

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática – numa palavra, o poder das idéias – é o problema específico da psicologia social (MOSCOVICI, 2003, p. 8)

Para o autor o problema central da psicologia social está associado à descoberta de como e por que os conhecimentos são constituídos e compartilhados. Preocupações que deram origem ao estudo das representações sociais para tentar explicar esse fenômeno que antes era considerado como um conceito. As representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

O campo das Representações Sociais emerge através de Moscovici a partir de 1961, quando ouve a publicação de sua tese sobre as RS da Psicanálise. Nela, resgata o conceito originário da “representação coletiva” de Durkheim, inserindo-o

numa estrutura teórico-metodológica e mesmo conceitual diferenciada, entre a psicologia e a sociologia do conhecimento, proporcionando assim possibilidades de verificação das representações que os atores/autores sociais possuem.

Moscovici conceitua as Representações Sociais como uma maneira de conhecimento particular presente no senso comum, construído através de imagem (figura) e linguagem (significação), que orienta para a ação e direciona a comunicação entre indivíduos e o pensamento socialmente elaborado. “O termo Representação social designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, psicossociológicos.” (SPINK, 2004, p. 19).

As representações sociais são informações simbólicas que os homens expressam através do uso de palavras, pela linguagem oral e/ou escrita e de gestos. É a maneira pela qual é demonstrada o que pensam sobre esta ou aquela situação, e qual sua opinião acerca de determinado fato ou objeto, etc.

Segundo Spink (2004), as RS seriam o conhecimento prático, que se manifesta por meio dos atributos de um grupo. Servem para explicar, justificar e questionar a realidade, podendo ser utilizadas para a sua transformação. As representações sociais podem ser consideradas uma categoria de pensamento, ação e sentimento. Podendo apresentar um modo de conformismo a aspectos dinâmicos e geradores de mudanças. Estas identificadas junto à população, mostram-se representações sociais a partir do momento em que possuem consenso, ou seja, mostram-se compartilhadas por um grupo de pessoas. Assim permitindo o acesso ao senso comum.

Verificamos que as representações sociais resultam de uma consciência compartilhada, por meio de uma produção espontânea em um contexto social que envolve diversidade e semelhança, estruturando a comunicação, ao orientar a linguagem. Têm como funções de base, a função cognitiva de integrar a novidade; a interpretativa, que interpreta os eventos e a orientadora, que orienta ações e comunicações, estas são criadas para possibilitar a comunicação entre sujeitos, sendo assim, mediações sociais que permitem saberes estranhos se tornarem familiares. A composição imaginativa e simbólica do mundo ocorre na interação entre conhecimentos prévios, tradicionais e a necessidade de renová-los, uma vez que a construção dessas representações acontecem a partir do momento em que os

sujeitos voltam às suas memórias, suas tradições e experiências, mesclando os antigos elementos aos novos, dando prosseguimento à produção do mundo de idéias e imagens em que vivemos. O resultado das representações destes novos elementos ainda estranhos, ao se reunirem com os conhecimentos prévios, tornam-se criativos e inovadores na vida quotidiana. Sendo estes objetos sociais, produtos do comportamento criador do homem.

2.2 As Dimensões das Representações Sociais

A apreensão da realidade já é o resultado das construções sociais que aproximam aquilo que se vê, daquilo que se sabe sobre as coisas, tornando-se a capacidade das representações sociais de se constituírem, enquanto as próprias coisas, estando diretamente relacionadas a uma convenção do mundo externo, à construção de um acervo coletivo de significados que devem ser consultados para que se construa a realidade. Existem diversos elementos que podem explicar a gênese das representações sociais, porém nem todos têm a mesma importância. Alguns são essenciais e outros secundários. Dentre os elementos que merecem maiores esclarecimentos, destacam-se dois processos sociocognitivos que atuam na formação das representações sociais, e, Moscovici divide em duas etapas: ancoragem e objetivação, responsáveis pelo regimento das representações sociais.

A objetivação é a transformação de uma idéia, de um conceito, ou de uma opinião em algo concreto, ou seja, é a transformação do abstrato em algo real, de um processo figurativo e social que passa a constituir o núcleo central de uma determinada representação, seguidamente evocada, concretizada e disseminada como se fosse o real daqueles que a expressam. É a consolidação do processo de familiarização de um objeto, a transformação da realidade em imagem, fazendo com que este objeto pesquisado deixe de ser desconhecido e torne-se uma imagem estável. Objetivar é, assim, dar substância a um objeto aparentemente vazio. Quando as imagens constituem a própria realidade, elas:

Não ocupam mais aquela posição específica, em algum lugar entre as palavras, que supostamente tenham sentido e objetos reais, aos quais nós podemos somente dar um sentido, mas passam a existir como objetos, são o que significam. (MOSCOVICI, 2003. p. 74).

Portanto, a objetivação é a construção de uma realidade concreta, visível. É, num dado instante, concretizar os conhecimentos sobre uma determinada imagem. Nota-se, que as representações sociais tratam de fornecer subsídios que contextualizam os sistemas de categorização de uma sociedade. As classificações, dessa forma, não são constatações de fatos, mas, encontram seu lugar em uma harmonia criada pelas representações.

Já a ancoragem exerce um papel fundamental no estudo das representações sociais e do desenvolvimento da consciência, pois é o processo responsável por transformar tudo aquilo que nos aparece como estranho, distante, em algo conhecido. Ou seja, é aproximar o diferente a algo já conhecido. Ancorar é colocar um objeto dentro do estoque de combinações já existentes. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2003. p.61).

A ancoragem constitui na parte operacional do núcleo central e em sua concretização, a apropriação individual e personalizada por parte de diferentes pessoas constituintes de grupos sociais diferenciados, ou seja, esta consiste no processo de integração cognitiva do objeto representado para um sistema de pensamento social preexistente e para as transformações, histórica e culturalmente situadas, implícitas em tal processo, é a maneira a qual a RS interfere e transforma a sociedade, diz respeito a um processo de trazer para categorias e imagens já conhecidas aquilo que ainda não está classificado ou rotulado para dar sentido ao objeto que se apresenta a nossa compreensão, ou seja, é a forma que o conhecimento se enraíza no social e volta a ele, ao converter-se em categoria e integrar-se a visão de mundo do sujeito, incorporando o novo objeto. Este procede retornando aos elementos que tem como familiar para fazer a conversão da novidade: trazendo-a ao território conhecido, ou seja, a sua bagagem nocional.

Nos dois processos, existe a necessidade de familiarizar o novo. Sendo que a construção das representações sociais é um processo intimamente ligado à memória do indivíduo e da sociedade. Portanto, a concepção de tempo nas representações torna superior à rotina com a qual estamos acostumados a lidar. Sendo esta muito mais relacionada às construções sociais e a cultura. Representar é, portanto, pôr em atividade o acervo de memória que define uma sociedade e seus signos.

Portanto a representação social é que induz os indivíduos nas construções sociais e culturais de suas relações em sociedade. Sendo a escola uma das responsáveis pela formação cidadã de cada pessoa, já que esta leva os alunos a terem consciência de seus saberes e vivências, o que torna fundamental uma prática educativa que reflexiva acerca da atuação de cada aluno no espaço em que está inserido. A prática educativa será tratada com maior ênfase no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS EDUCATIVAS: CONCEPÇÕES DE ZABALA E FREIRE

O processo ensino-aprendizagem se materializa na interação educando, educador e objeto cognoscível, através da articulação entre intencionalidade, afeto e representação, ou seja, uma prática educativa. A prática educativa tem um papel fundamental no ensino, uma vez que, vivemos num mundo onde se tem acesso a tantas e variadas informações e onde é possível até mesmo conhecer aspectos de outras culturas, manter contato facilmente com elas e assim ser influenciado. Esta clareza pode ser garantida pelas diferentes áreas do conhecimento e pelas leituras apresentadas da educação sob a perspectiva de organizá-la em tendências. Baseado na investigação bibliográfica e exploratória, este capítulo expõe as concepções de prática educativa de Zabala e Freire.

3.1 Prática educativa segundo Zabala

Procurar a competência como um profissional é característica fundamental para um educador, Zabala (1998) apresenta um modelo capaz de fornecer subsídios para a análise da prática profissional, através da interpretação que contesta a forma tradicional do professor que se torna um mero aplicador de fórmulas, ressaltando a importância do docente em fazer reflexões de sua prática, ou seja, está sempre buscando inovações, informações e se avaliando, na fala do autor:

Mas desde uma perspectiva dinâmica, e desde o ponto de vista dos professores, esta prática, se deve ser entendida como reflexiva não pode se reduzir ao momento em que se produzem os processos educacionais na aula. A intervenção pedagógica tem um antes e um depois que constitui as peças substanciais em toda prática educacional. O planejamento e a avaliação dos processos educacionais são uma parte inseparável da atuação do docente, já que o que acontece nas aulas, a própria intervenção pedagógica, nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados. (ZABALA, 1998. p. 17)

A utilização deste modelo pedagógico implica numa perspectiva processual, levando em conta as seguintes fases: planejamento, aplicação e avaliação, que devem assegurar um sentido integral às variáveis metodológicas e caracterizam as unidades de intervenção pedagógica. Também as condicionantes do contexto educativo, como as pressões sociais, a trajetória profissional dos professores, entre outras, assumem uma posição de relevância. Na disciplina de Geografia, este modelo pode ser entendido como um conjunto de ações que potencializam a atuação do aluno como cidadão ativo e participativo na sociedade em que está inserido.

Segundo Zabala (1998), o papel da escola é promover a formação integral dos alunos, criticando as ênfases atribuídas ao aspecto cognitivo. Para ele, é na unidade escolar, por meio das relações construídas a partir das experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as concepções pessoais sobre si e os demais. A partir dessa posição ideológica acerca da finalidade da educação escolarizada, surge a necessidade de uma reflexão profunda e permanente da condição de cidadania dos alunos, da sociedade em que vivem e das representações construídas e compartilhadas no grupo social. É conceber o sujeito como sociohistórico, apreendente, cognitivo e afetivo.

Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas. Quando se tenta potencializar certo tipos de capacidades cognitivas, ao mesmo tempo se está influenciando nas demais capacidades, mesmo que negativamente. (ZABALA, 1998. p. 28)

Para o autor os conteúdos da aprendizagem têm seus significados ampliados para além da questão do ensinar, é preciso formar sujeitos participativos e integrantes de uma cidadania plena, para tanto se torna essencial que o docente possa descobrir os sentidos e finalidades de sua ação, ou seja, reflitam acerca do ato de ensinar. Dessa maneira, envolve os objetivos educacionais que definem suas ações na sala de aula. Esses conteúdos assumem o papel de envolver todas as dimensões da pessoa, caracterizando as seguintes tipologias de aprendizagem: factual e conceitual (o que se deve aprender?); procedimental (o que se deve fazer?); e atitudinal (como se deve ser?).

Na concepção de aprendizagem, o autor afirma que não é possível o ensinar sem delimitar as referências de como os alunos aprendem, levando em conta as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno (diversidade), bem como os conhecimentos prévios que estes possuem. Para o construtivismo é importante a concepção metodológica, uma vez que, a validação empírica de uma série de princípios psicopedagógicos; os esquemas de conhecimento; o nível de desenvolvimento e dos conhecimentos prévios, e a aprendizagem são significativas.

3.2 Prática Educativa Segundo Paulo Freire

Para Paulo Freire (2004), educar é construir, é reconhecer que a História é um tempo de possibilidades, ou seja, um "ensinar a pensar certo" como quem "fala com a força do testemunho". No entanto, toda a curiosidade de saber exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser ligado à sua aplicação prática.

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (FREIRE, 2004.p. 38)

Ensinar é algo intenso e dinâmico onde a questão de identidade cultural chega a dimensão individual e a classe dos educandos, sendo essencial a reflexão crítica sobre a prática educativa, já que esta é a responsável pela transformação de educadores e educandos, lhes garantindo o direito a autonomia pessoal na construção de uma sociedade democrática.

Para o autor, o educador tem a tendência de reproduzir o seu modo de ser, sua compreensão e entendimento da realidade na sua prática educativa, tentando influir no educando as normas preestabelecidas. Já os mais "ousados" são capazes de nutrir os sonhos e proporcionar aos educandos a renovação da história, o crescimento social e a construção dos sistemas de peso que o ensino traz.

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir - a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso - , é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. (FREIRE, 2004.p.59)

Toda prática educativa provocada por uma intencionalidade, porque é uma ação política, sendo necessário o entendimento da forma de como se pensa a educação, para que, a partir daí, ocorra o processo de aprendizagem do aluno, sendo importante salientar que este processo só acontece no coletivo, ao mesmo tempo em que dá subsídio ao fazer educativo, no momento e espaço propício para a necessária reflexão e para a distinção entre as diferentes possibilidades orientadoras deste fazer. O desafio do fazer é compreender e apreender a realidade social na qual o docente está inserido, pois:

O fato é que os sujeitos que atuam nas práticas educativas são sujeitos complexos, agentes sociais, produto e produtores de uma dada cultura, numa realidade dinâmica transversal e complexa, que vai além do que aparenta, dificultando a apreensão imediata desta. (CUNHA e NUNES, 2007. p. 304)

Refletindo sobre sua realidade e a realidade do aluno, amplia a forma como o docente pode dimensionar o seu fazer. Por isso, é fundamental que o professor defina sua prática educativa, estabelecendo pontos de referências com os quais poderá exercer sua dimensão como um bom profissional: atribuir sentidos, produzir interpretações do que vive nas ações pedagógicas desenvolvidas, inserindo-as em uma vertente teórica e tendo condições de propor a continuidade de uma reflexão-ação sobre seu projeto educativo. É necessário, enfatizar ao educador que cabe a ele analisar informações e teorias, construir um todo de conhecimentos sólidos para fundamentar suas práticas pedagógicas. Ou seja, ao educar, o educador já está produzindo uma prática geradora de uma teoria pedagógica, posto que esta constitui aquela. Tendo a compreensão de que a realidade é uma construção pessoal.

É preciso reconhecer que a 'realidade não é transparente', a realidade é o que aprendemos do nosso entorno ou de determinado contexto, e o reconstruímos a partir de nossas inferências pessoais, o que implica no questionamento de quais as possibilidades efetivas das pesquisas, cuja ênfase é está constituída na ação docente, de apreender a complexidade de uma dada realidade.
(CUNHA e NUNES, 2007, p. 304)

Em suma, ambos os autores, Zabala e Freire, demonstram a relevância do processo de reflexão-ação-reflexão sobre o fazer educativo, e conseqüentemente, na compreensão da realidade, enquanto construção sociohistórica na qual educadores e educandos estejam inseridos, compartilhando, construindo e legitimando concepções, crenças e representações sociais.

Com base no que foi abordado acerca de Espaço Geográfico, Representação Social e Prática educativa, será relatado no próximo capítulo os resultados da pesquisa de campo realizada com discentes e docentes da 5ª série do ensino fundamental da rede pública da cidade de Jacobina.

CAPÍTULO IV

A PESQUISA DE CAMPO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista a importância das concepções, idéias e imagens de que cada sujeito objetiva e ancora aos seus saberes, buscamos verificar o que é o espaço geográfico para professores e alunos da 5ª série do Ensino fundamental da rede pública. A representação social surge como um recurso fundamental na identificação da bagagem de conhecimento que ambos carregam adquiridos na sua vida cotidiana e como eles inserem na vida escolar. São tomados alguns conceitos necessários para o desenvolvimento deste trabalho – o espaço geográfico, prática educativa.

Entretanto, este processo limita-se a duas salas de aulas da 5ª série do Ensino Fundamental dos colégios: Gilberto Dias Miranda e Escola Estadual Edvaldo Valois Coutinho na cidade Jacobina, Estado Bahia, local da nossa pesquisa.

Na composição deste capítulo são utilizados os dados provenientes da pesquisa de campo articulando a fundamentação teórica. Para tanto, utilizamos os seguintes instrumentos para coleta de dados: questionários aplicados aos alunos e entrevistas semi-estruturadas aos professores da 5ª série.

4.1 As representações sociais de alunos da 5ª série do ensino fundamental

A caracterização dos alunos foi obtida a partir dos dados coletados através do questionário respondido por 50 alunos, das duas turmas de alunos/sujeitos da pesquisa.

Os alunos das escolas pesquisadas encontram-se na mesma faixa etária convencional a série de 10 a 12 anos, estando todos no mesmo patamar em relação ao nível de aprendizagem, uma vez que observamos através do questionário respostas e dificuldades similares.

Foi pedido para que os alunos desenhassem o espaço geográfico, onde a maioria, 34 % ,desenhou elementos naturais, ou seja, eles só reconhecem como espaço só os elementos naturais, os outros responderam da seguinte forma: 28% globo terrestre, 22 % representaram ambos (elementos naturais e culturais) e apenas 8% não responderam. Como mostra o gráfico abaixo:

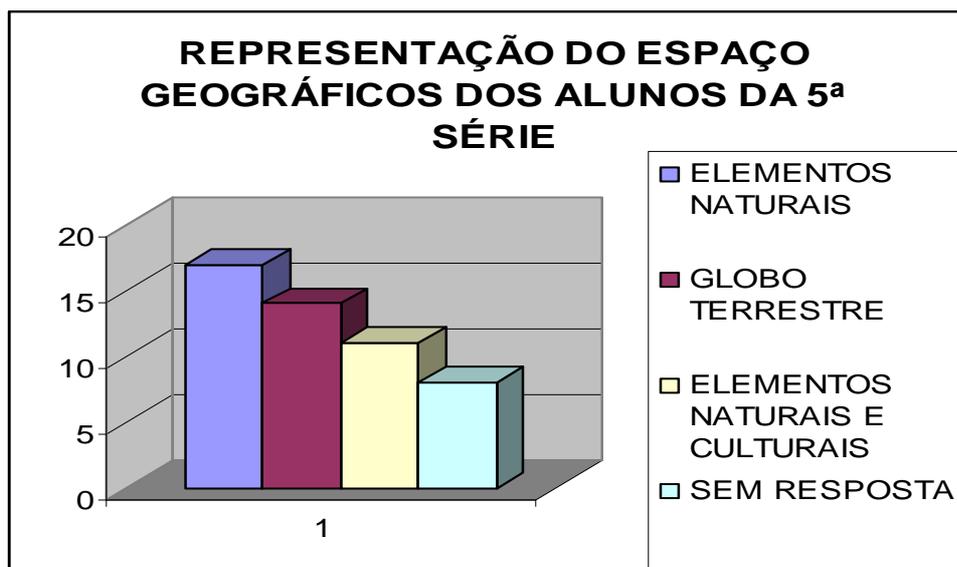


Gráfico nº01 – Elementos que aparecem com maior frequência nos desenhos confeccionados pelos alunos para representarem o espaço geográfico.

Neste gráfico, percebe-se como os alunos caracterizam o espaço a partir da sua representação social através das imagens do globo terrestre, elementos naturais e elementos culturais. Analisando estas imagens, com base nas correntes do pensamento geográfico nota-se, que, ao desenharem o globo terrestre e elementos culturais, deixa claro que, este percebe que o espaço é composto pelas modificações feitas pelas ações humanas e a integração dos elementos naturais com os elementos culturais, o que é defendido pela geografia crítica, que aborda o espaço como um fator social.

Com relação à outra questão foi solicitado que os alunos escrevessem palavras que lembrassem: espaço, cidade e bairro e obtemos as seguintes respostas:

Espaço: espaço, contente, astronauta, Lua, Marte, casa, água, natureza, cidade, planetas, mundo, cachoeira, mar, natureza, mundo, espaço, planetas, galáxias, satélite, pássaro, mundo, lugar, grande, alegre, montanha, árvores, campos, planetas, ruas, rios, mar, centro.

Cidade: cidade, calma, linda, carros, pessoas, boates, lojas, escola, bairro, casas, igrejas, sala, cantina, merenda, diretoria, Jacobina, cruzeiro, montanhas, cachoeira, espaço, local, astronauta, hotel, rio, serras, casas, edifícios, matas, flores, São Paulo, Salvador, Carnaíba, Pindobaçu, ruas, feira, jardim, prefeito, presidente, vereador, Chapada Diamantina, praia, supermercado, prédios, bandas, mar, gente, centro, posto de gasolina, centro de informática, comércios, praças, ouro, serras, pessoas, pontes.

Bairro: bairro, feliz, calmo, casas, vizinhos, praças, igrejas, pessoas, apartamentos, mercado, Félix Tomaz, plantas, jardim, vizinhos, caixa d' água, vídeo-game, postes, rio, ruas, mato, briga, amizade, supermercado, roça, plantação, piscina, escola, quarto, violência, barracos, esgotos, ruas, cidades, estados, país, postes, lixo, lugar pequeno.

As respostas desta questão nos possibilitaram identificar as representações sociais dos alunos de espaço, cidade e bairro, onde em nenhum momento este se colocaram como parte integrante destas categorias, os discentes consideraram como espaço: as estrelas, o planeta, a lua e a água; já as cidades são caracterizadas pelos nomes dos municípios, casas, ruas e pessoas e de bairro pelos nomes dos destes de sua cidade, casas, ruas, pessoas.

Colocamos alguns desenhos para que os alunos assinalassem quais das imagens (foto da cidade, globo terrestre, quarto, escola, paisagem e fotografia do mar) estes associavam ao espaço geográfico, podendo ser verificado os resultados obtidos por meio do gráfico nº 02.

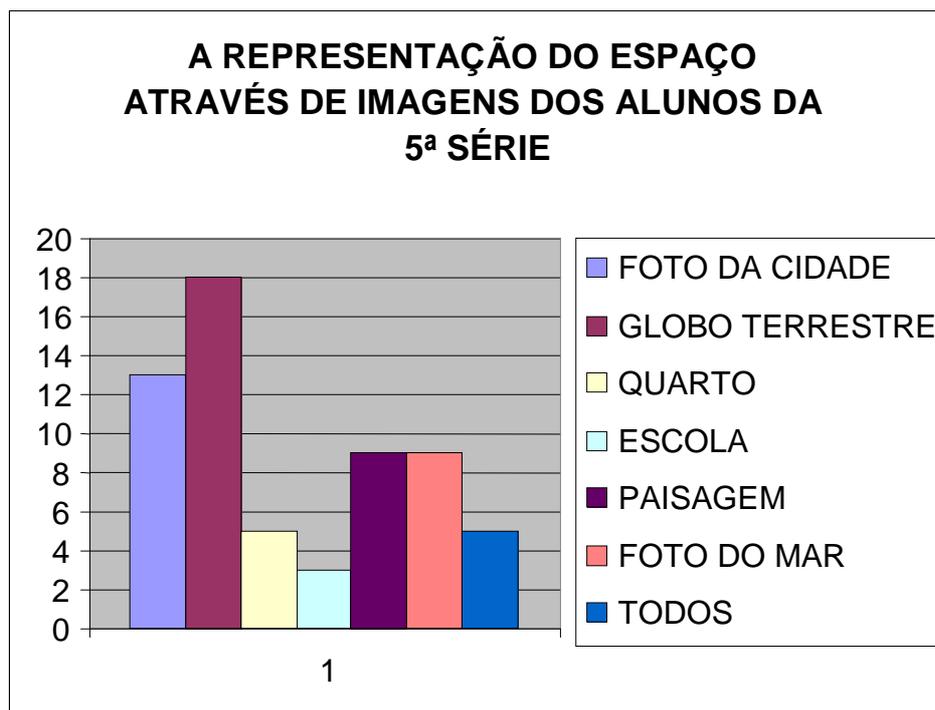


Gráfico nº 02 – Imagem que os alunos associam a espaço geográfico.

Analisando o gráfico nº02, constatamos que as respostas dos alunos demonstram uma maioria de 36% destes consideram como espaço, apenas os elementos naturais, não reconhecendo outras imagens como espaço, para chegar ao conceito de espaço geográfico. Para se situar no espaço é necessário compreender a transformação que o homem faz na natureza para satisfazer suas necessidades por meio do trabalho, produzindo o chamado “espaço geográfico”. É importante lembrar que a escola tem a função de levar os alunos a observarem as diversas paisagens, lugares e imagens, ou seja, elementos naturais, assim como estas paisagens modificadas pelo homem, os chamados elementos culturais, como espaço e as conseqüências da ação humana neste “(...) A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço” (CAVALCANTI, 1997. p.24)

É fundamental que, nesse processo, os alunos se situem em relação aos diferentes espaços, percebendo como a sua atuação nestes é de grande importância para a sua participação como cidadãos, diante dos problemas de sua cidade, do seu país e do mundo, principalmente nas aulas de Geografia onde o

professor deve sempre questionar e colocar algumas problematizações para que os alunos reflitam mais sobre a sua atuação no espaço em que vivem.

Não podemos esquecer que quando um aluno vai para a escola, ele já tem algumas noções, ou seja, traz consigo representações adquiridas em seu cotidiano.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. (MOSCOVICI, 2003, p. 46.).

E segundo Zabala estas representações, ou saberes dos alunos são as bases para a construção dos novos saberes, esse aspecto se reveste de fundamental importância para que docentes possam conhecê-las e atuar a partir delas.

4.2 As representações sociais dos professores da 5^o série do ensino fundamental

As professoras são formadas em nível superior, duas com Licenciatura Plena em Geografia e uma com licenciatura Plena em Letras vernáculas, todas são pós-graduadas, sendo duas na área de Gestão Ambiental e uma em literatura. As três tinham bastante tempo de experiência em sala de aula (18 e 25) estão na faixa etária de 35 a 50 anos sendo duas casadas, uma viúva, a qual é a principal provedora de renda da familiar A média salarial é de 5 a 10 salários mínimos.

Duas destas têm carga horária semanal de 40 horas e uma de 20 horas semanal, nenhuma das entrevistadas trabalham em outra unidade escolar. Ao serem questionadas sobre quantos livros lêem por mês todas responderam uma média de 1 a 2, sendo essa mesma quantidade para a compra destes e uma freqüenta bibliotecas. Elas se mantêm informadas através de revistas, jornais, rádio, internet e televisão. Utilizam aproximadamente 4 horas semanais para planejamento de suas aulas. Os livros didáticos utilizados, nas suas práticas educativas são dos seguintes autores: Eustáquio, Igor Moreira e Vicentini.

Ao serem questionadas sobre quais palavras associam diretamente a espaço responderam: Universo, paisagens, ambiente, tempo, área, população,

mapas; ocupação, transformação, preservação, degradação, exploração, escassez; casa, rua, colégio, cidade, mundo. A representação social de espaço dos professores influencia na prática educativa, o que interfere diretamente no ensino-aprendizagem de sua sala de aula.

As professoras entrevistadas trabalham de maneira diferenciada o conceito de espaço em sala de aula, uma aborda a realidade dos alunos; a segunda através de questionamentos orais e gravuras; e a terceira retrata que a ocupação leva a transformação, preservação e a destruição. Estas avaliam os alunos utilizando os seguintes recursos: “elaborando paisagens, mapas, atividades compartilhadas, investigando a realidade de cada aluno bem como o seu conhecimento prévio”. Todas enfatizaram que não encontram dificuldades para trabalhar categoria a espaço na 5ª série, utilizam recursos como pesquisa na internet, mapas, figuras, fotos, imagens de satélite, livro didático, a realidade do aluno, bem como a sua vivência com o próprio espaço para trabalhar esta categoria em sala.

As escolas disponibilizam aos professores computador, internet, retro projetor, data show, mapas, DVD e TV, para que ocorra uma dinamização das aulas. Ou seja, os professores encontram condições “ideais” de trabalho, segundo suas próprias reflexões.

Ao serem questionadas sobre quais aspectos consideram relevante na prática educativa com a categoria espaço uma das entrevistadas não respondeu, e as outras duas responderam que: “a situação espacial, mapas, etc”; “que o professor tenha conhecimento das limitações e conhecimentos já adquiridos dos alunos a respeito do espaço que ele ocupa”, respectivamente.

Percebemos a partir das respostas dos professores que estas não estão tendo dificuldade em trabalhar o conceito de espaço em sala de aula, porém ao analisarmos os questionários dos alunos, notamos que os alunos não si reconhecem como parte integrante do espaço, vendo-o como algo distante de sua realidade.

Sendo fundamental que a prática educativa do professor leve o aluno a se sentir parte complementar e ativa no espaço, para que eles possam atuar na sociedade como cidadãos participativos.

E a geografia explica como as sociedades produzem o espaço, conforme seus interesses em determinados momentos históricos e que esse processo torna

uma transformação contínua do espaço. E o professor como mediador do ensino-aprendizagem, tem que buscar nos alunos uma postura crítica da realidade no qual ele está inserido, de forma em que ele venha atuar de maneira ativa e participativa nessa sociedade cheia de conflitos e contradições, uma vez em que ele faz parte dessa engrenagem em que chamamos de “espaço geográfico”.

É chegado o tempo em que à nova Geografia pode ser criada, porque o homem começa, um pouco em toda parte, a reconhecer no espaço trabalhado por ele uma causa de tantos dos males que o afligem no mundo atual. Por isso... somente restam ao geógrafo duas alternativas: `justificar a ordem existente através do ocultamento das reais relações sociais no espaço ou analisar essas relações, as contradições que elas encobrem, e as possibilidades de destruí-las. (SANTOS, 1978. p. 213 e 214).

A geografia sempre foi bem fundamentada em seus princípios, com constantes dicotomias que ajudam elevar a ciência sempre ao próximo passo de mais conhecimento. Os geógrafos, assim como os professores devem saber utilizar as ferramentas que possuem construindo uma geografia cada dia mais eficiente e centrada no seu objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs oferecer informações sobre a representação social do espaço geográfico de alunos e professores da 5ª série do ensino fundamental da rede pública. Pretendeu-se, ainda, destacar alguns pontos relevantes como resultado de uma pesquisa de campo e dados coletados em que foi verificado que alguns dos alunos não têm o conhecimento que é parte integrante do espaço.

Eles não percebem que este é formado não apenas de elementos naturais, mas de elementos produzidos pelo homem, os chamados elementos culturais. Os professores não vêem este afastamento da realidade do discente, portanto, mesmo afirmando contemplarem em suas práticas educativas os conhecimentos prévios dos alunos não adotam uma práxis mais voltada para as representações do aluno.

A análise das representações sociais dos alunos nos possibilitou conhecer os significados que eles dão ao espaço, além de nos fornecer elementos para a compreensão de como eles associam os conceitos trabalhados em sala de aula com os conceitos adquiridos em seu cotidiano, o que nos remete a geografia crítica, onde o espaço reaparece como conceito chave, devendo ser entendido como espaço social, não ser visto apenas como espaço absoluto. Não deve ser um instrumento político, campo de ações de produção.

O estudo das representações nos levou a detectar os problemas no ensino aprendizagem da geografia, demonstrando a relevância destas para guiar de maneira eficaz os professores no processo de conhecimento dos alunos e da realidade destes.

A investigação acerca das representações sociais do conceito de espaço nos mostrou as carências desse conceito em sala de aula, uma vez que isso faz com que os alunos não se reconheçam como parte integrante do mesmo, tendo assim implicações na sua aprendizagem.

A partir deste material rico em indicações dos processos de conhecimento, faz-se necessário expandir esta pesquisa para inúmeras áreas geradoras de concepções, informações, idéias, assim como as representações dos alunos e

professores acerca da categoria espaço podendo vir a ampliar a apreensão do processo ensino-aprendizagem para a evolução deste e criação de subsídios fundamentais para uma melhor metodologia em sala de aula no ensino da geografia.

Neste sentido só nos resta enfatizar a importante de se fazer esta pesquisa para conhecermos a realidade em que se encontra o conhecimento dos alunos e como os professores trabalham o conceito de espaço em sala de aula.

Dessa forma, esperamos contribuir de maneira satisfatória para a discussão da representação social do espaço geográfico na prática educativa que ainda oferece imensos desafios e que reflexões e elaborações de propostas possam vir a aprimorar sobremaneira o desempenho da prática educativa dos professores, o que permitirá avanços e melhoria na qualidade de ensino.

Na nossa concepção, o ensino de geografia deve passar por uma série de reformulações em todos os seus aspectos, para que venha a atender aos anseios de educandos e educadores que esperam e anseiam diretamente destas modificações que os possibilitaram uma maior participação em sociedade e ascensão na vida. Sendo fundamental que os professores valorizem os conhecimentos, as concepções e vivências dos alunos para em conjunto com livros didáticos, atividades dinâmicas e inúmeras ferramentas que a disciplina geografia disponibiliza ampliar cada vez mais o ensino-aprendizagem em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. **O ESPAÇO GEOGRÁFICO ENSINO E REPRESENTAÇÃO**. São Paulo; 8ª edição, Editora: Contexto, 2000.
- ALVES – MAZZOTTI, A. J.; GERWANDSZNADJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. M. **A Arte da Pesquisa**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASTRO, C. de M. **A Prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw- Hill, 1977.
- CASTRO, I. E; CORRÊA, R. L. e GOMES, P. C. C. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **GEOGRAFIA, ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS**. Campinas- São Paulo; Editora: Papyrus, 1998.
- CUNHA, Maria dos Anjos Santa Inês; NUNES, Jacy Bandeira Almeida. Representações Sociais e Práticas Educativas: Aspectos Metodológicos. *In*. ORNELAS, Maria de Lourdes S.; OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos. (Org.). **Educação, Tecnologias e Representação Sociais**. Salvador: Quarteto, 2007.
- DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**; tradução de Heloysa de Lima Dantas 4ª ed. São Paulo: Difel, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUNTHER, H. **Como elaborar um questionário** (série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 01) Brasília, DF:UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Campinas: São Paulo, Papyrus, 1988.
- LAVILLE, C; Dionne, J. **A Construção do saber: Manual de metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- MACHADO, Paulo Batista. **Espaço, mapas mentais, representações sociais e prática docente na educação do campo**. Senhor do Bonfim, BA: Eduneb, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigação em psicologia social**; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. GUARESCHI. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 7 ed. São Paulo: Editora: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; MARQUES, Sergio Correia; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro V. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais, In: MOREIRA, et al. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, p. 573-603, 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3 ed. Rev. Amp. São Paulo: Atlas, 1999.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 11^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VESCENTINI, José William (org.). **GEOGRAFIA E ENSINO: Textos Críticos**. Campinas – São Paulo, Editora: Papyrus, 1989.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES